

De Jornalista à Pioneiro nas Ciências da Comunicação: Aportes Teóricos e Metodológicos para Entender a Obra de Luiz Beltrão¹

Flávio SANTANA²
Guilherme FERNANDES³

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, BA
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR

RESUMO

Este ensaio tem como objetivo marcar o espaço teórico da Folkcomunicação. Iniciamos com um questionamento a respeito do lugar epistemológico/teórico da Folkcomunicação. Na sequência, nos concentramos na obra seminal de Luiz Beltrão para percebermos o caminho que o autor utilizou para cunhar o termo Folkcomunicação e desenvolver as pesquisas nessa "nova" perspectiva teórica. Por fim, realizamos breves anotações sobre as atuais configurações da Folkcomunicação na atualidade. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, a partir da qual realizamos nas interferências. Como elemento conclusivo, percebemos a atualidade do pensamento beltraniano, embora o texto não esgote o assunto, e que outras pesquisas, de revisão de legado, ainda deverão ser feitas.

PALAVRAS-CHAVE: Folkcomunicação; Luiz Beltrão; Ciências da Comunicação.

INTRODUÇÃO

A Comunicação é uma área de pesquisas significativamente nova – apesar de seus pouco mais de 50 anos, no Brasil. Teóricos da Comunicação, como França e Simões (2016), por exemplo, apontam a década de 1920 como o início das pesquisas em Comunicação, tendo os Estados Unidos como território. Mesmo pensando que a pesquisa em Comunicação existe há quase um século, em níveis epistemológicos, ainda há debates sobre o modo como a Comunicação pode ser classificada, se como disciplina ou campo (BRAGA, 2010). Podemos concordar com ambas as posições e teríamos argumentos para pensar a Comunicação como disciplina e também como campo interdisciplinar, mas assumimos a predileção por pensar a comunicação como disciplina – sendo a ciência do comum – como bem denominou Muniz Sodré (2014). Pensar a Comunicação como a

¹ Trabalho apresentado no GT4 - Folkcomunicação do PENSACOM BRASIL 2018.

² Mestrando em Comunicação Social pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e-mail: ms.flaviosantana@hotmail.com

³ Professor adjunto do Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CAHL/UFRB). Pós-doutorando em Jornalismo pelo Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Doutor em Comunicação em Cultura pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). e-mail: gui_facom@hotmail.com

ciência do comum é retornar à sua etimologia, é ver a comunicação como comunidade, comunhão, relação. Não objetivamos resenhar aqui a obra de Sodré (2014) e muito menos tecer elucubrações sobre a epistemologia da comunicação. O que apenas queremos sinalizar nesse preâmbulo é que com um século de pesquisa em comunicação, distintas matrizes epistemológicas são utilizadas para a (re)afirmação da disciplina científica.

A partir desse dado, igualmente poderíamos pensar qual seria o lugar na Folkcomunicação neste processo. Uma visão cartesiana e positivista – a qual não filiamos – nos diz que a visão disciplinar necessita de um objeto e um método. Não conseguiríamos ser claros e precisos para chancelar um *único* objeto e método para a folkcomunicação – função essa que os próprios teóricos da Comunicação admitem a não possibilidade, como bem listou José Marques de Melo (2014, p. 18-25) ao resgatar o panorama teórico das ciências da Comunicação na vertente do “objeto volátil” e do “campo movediço”.

Cristina Schmidt (2007, p. 34) aponta que “o folclore é o objeto de estudo [da folkcomunicação], e a comunicação é a área de conhecimento, dentro das ciências humanas, que nos fornece os referenciais teóricos e metodológicos” temos algumas razões para questionar essa visão disciplinar. Ao passo que a comunicação não deseja ser “um objeto”, o folclore também não. Estudiosos do folclore, como Vicente Salles (2013), Florestan Fernandes (2013) e Edson Carneiro (1965) asseguram o folclore como campo teórico das Ciências Sociais – e não um objeto de estudo. Além do mais, na qualidade de objeto empírico, das pesquisas em folkcomunicação, o folclore ou é marginalizado (no sentido de estar à margem) ou simplesmente nem é citada nos estudos que se direcionaram para outros tantos objetos – todos eles pertencentes ao universo da Comunicação.

Não temos dúvidas de a Comunicação ser a área de conhecimento, todavia não nos é possível pensar (unicamente) em um objeto ou método. Embora possa soar contraditório dentro da filosofia positivista, igualmente poderíamos utilizar tanto a denominação campo e disciplina para caracterizar igualmente a folkcomunicação. Com o intuito de deixar mais clara, faremos um rápido passeio teórico. Marques de Melo (1970, p. 62) apresenta a folkcomunicação como “trata-se de uma nova disciplina, incrementada no Brasil por Luiz Beltrão, e que busca analisar os processos informais de comunicação”. Joseph Luyten (2001, p. 30), ao traçar o conceito de folkcomunicação em 1983, fez o seguinte registro “segundo o Prof. Luiz Beltrão, podemos dizer que folkcomunicação é

a ciência que estuda o processo de intercâmbio de informações e manifestações de opiniões, ideias e atitudes do povo, através de agentes e meios ligados ao folclore”.

Nestes dois exemplos, frutos do seu tempo, temos a conceituação de folkcomunicação como “disciplina” e também como “ciência”. Dado os debates “aflitos” de a Comunicação ser ou não uma ciência *per se* ou “interdisciplinar” (dentro a grande área de Humanidades) ou, se, de fato, é uma disciplina autônoma, no momento preferimos nos abster. Ainda no mesmo assunto, Marques de Melo (2008b) no sumário do livro “Campo da Comunicação” expôs como disciplinas consolidadas: Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relação Públicas, Rádio, Televisão. Criou o termo “interdisciplinas” para Folkcomunicação, Cibercultura, Comunicação para a cidadania, comunicação para a saúde, economia política da Comunicação e Marketing Político.

O que propomos, ao ficar, neste momento apenas a obra de Luiz Beltrão, e assim por isso, de afirmar a folkcomunicação como área de conhecimento, dentro da disciplina Comunicação. O que Marques de Melo chamou de “disciplinas consolidadas”, obviamente não no pensamento positivistas, são áreas de estudos dentro da Comunicação. E é assim que pensamos a folkcomunicação. E, exatamente por isso, acreditamos que novamente é necessário recorrer ao trabalho de Beltrão, apesar das conquistas teóricas dos trabalhos de Isabel Amphilo (2010) e Iury Aragão (2017).

PIORNEIRO NAS CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

Eu nunca tinha imaginado na minha vida que se pudesse aprender fazer jornalismo de outro modo senão fazendo o próprio jornal (BELTRÃO, 1987, p. 08).

Luiz Beltrão de Andrade Lima (1918-1986) foi um jornalista, escritor e professor brasileiro que dedicou uma trajetória, de mais de cinquenta anos, às ciências da Comunicação. Apesar de pouco conhecido, intelectualmente falando, seu nome enquanto comunicador pernambucano conseguiu alcançar ares nas últimas décadas como nunca se havia feito. Não é preciso muitas buscas para encontrar Luiz Beltrão em eventos como os congressos da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom); nos diversos livros publicados na Cátedra UNESCO/UMESP de

Comunicação para o Desenvolvimento Regional⁴, localizada na Universidade Metodista de São Paulo; Quem sabe, seu nome tenha se destacado no Prêmio Luiz Beltrão⁵, ou, ainda, na Revista Internacional de Folkcomunicação (RIF)⁶. Esses e outros exemplo provam que a figura de Beltrão está atrelada indissociavelmente a Marques de Melo. Contudo, sem desmerecer a importante tarefa do seu principal seguidor, nos parece infeliz o não reconhecimento do pesquisador pelos seus próprios méritos. Além do mais, a figura de Luiz Beltrão, por mais que tenha se destacado, ainda não faz jus ao seu nome. Muitos acadêmicos brasileiros diriam conhece-lo, mas poucos saberiam definir o seu legado.

Consideramos, portanto, dois principais problemas que rondam Luiz Beltrão e, acima de tudo, o jornalismo e a grande área da comunicação na contemporaneidade. O primeiro, como pontuado por Marques de Melo (2012), teria a ver com a síndrome do vira-lata. O brasileiro tem grande dificuldade de dar atenção ao que se foi produzido aqui. O segundo, seria ainda pior. Além de não reconhecer a riqueza do próprio país, uma grande leva de pesquisadores teria a coragem, se assim for suficiente para justificar tal atrocidade, de deslegitimar essa produção. E ademais, não voltar-se a construção e legitimação da comunicação, enquanto área do conhecimento, diante de uma história de grandes avanços enfrentados com muita dificuldade. Talvez problemas como esses sejam esclarecidos nas linhas que seguem este ensaio. Talvez não. Porém, consideramos que esse questionamento não entra no mérito da questão aqui pontuada. Sigamos.

Pouco conhecido nacionalmente, seu trabalho atravessou a literatura⁷, o jornalismo e, por fim, a comunicação. Não haveria possibilidade de citar seu nome sem destacar o seu interesse em fazer o bom e responsável jornalismo, sua preocupação em legitimar uma área que, até então, era considerada insuficiente (NAVA, 2007). A trilha traçada por Beltrão pode ser entendida por muitos caminhos. Como Gobbi (2007) apontou, religioso fervoroso, pensou na possibilidade de ser padre, influência do Padre

⁴ Espaço de grande valia para os estudos do Pensamento Comunicacional Latino-Americano, liderado por Marques de Melo, desde 1996, e fundamental para a disseminação dos estudos da Folkcomunicação. Trouxe à tona uma centena de outros pesquisadores, favorecendo a criação da Rede de Estudos e Pesquisas em Folkcomunicação (Rede Folkcom), formada em 1998.

⁵ Desde 1998, o Prêmio Luiz Beltrão reconhece, anualmente, pesquisadores e grupos de pesquisa que se destacam no meio acadêmico e que, também, tiveram importante reconhecimento no Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, promovido há 42 anos pela Intercom.

⁶ Criada em 2003 e editada pela Rede Folkcom, em parceria com a Agência de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG/PR), a RIF abre espaço para se discutir a teoria, bem como lançar olhares para outros meios que conversem direta ou indiretamente com a proposta de Luiz Beltrão.

⁷ Ler Marques de Melo (2008, p. 203).

Costa, então diretor do Seminário naquela época. Logo mais cursou direito, uma das poucas áreas que estavam disponíveis nas universidades daquela época. Em paralelo, iniciou sua carreira de jornalista. Tais caminhos dispostos a vida de Luiz Beltrão demonstram o qual importante foram para a formação profissional e intelectual do pensador brasileiro. “As diferenças entre o mundo em que vivera e o que se descortinava, fizeram com que Luiz Beltrão encontrasse no jornalismo um novo horizonte” (GOBBI, 2007, p. 19).

Sua primeira experiência como jornalista se concretizou como revisor em 1936, no Diário de Pernambuco (DIP), quando, dois dias depois, foi promovido à arquivista de clichê (Maranini, 2007). Essa carreira no DIP levou-o ao cargo de repórter, o valioso momento que semeava todas as contribuições que hoje estão afloradas à comunicação. Consideramos que foi a partir desse momento que Beltrão se legitimou como um jornalista inquieto, seguro e valente.

Quatro anos mais tarde, consegue seu registro profissional, ainda no Diário de Pernambuco, e passa a se destacar com a sua forma de fazer jornalismo. Conforme Aragão, (2017), na obra *Iniciação à Filosofia do Jornalismo*, a partir da sua experiência profissional, Beltrão (1960) já destacava suas críticas em relação ao jornalismo, e sua qualificação profissional, em não dar a devida importância à profissão, bem como não apoiar e nem disponibilizar suportes que possibilitassem que as mensagens fossem transmitidas além dos círculos sociais que já estavam engajados aos meios.

Enquanto o primeiro curso de jornalismo do país, instalado na Faculdade Cásper Líbero, em 1947, passava por momentos de reestruturação, Luiz Beltrão se atentava à criação do curso na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), em 1959. Segundo Nava (2007), depois da formação da primeira turma, chegava o Instituto de Ciências da Informação (INCIFORM)⁸, em 1963, primeiro ambiente a incentivar pesquisas dentro de uma universidade, no Brasil e, nesse mesmo ano, o Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicação para a América Latina (CIESPAL). Mais à frente, um outro grande marco, atrelado a figura de Beltrão, a Revista Comunicações e Problemas (C&P)⁹,

⁸ O Centro foi instalado em 13 de dezembro de 1963, durante a formatura da primeira turma de bacharéis e jornalismo da UNICAP (GOBBI, 2007, p. 21).

⁹ C&P foi um periódico criado nos moldes dos centros mais avançados de pesquisa. A pauta de assuntos (cuidadosamente anotada em fichas) e a diagramação em duas colunas emulavam a famosa congênera norte-americana **Journalism Quartely** (NAVA, 2007, p. 38).

idealizada em 1965, foi o primeiro periódico científico na área da comunicação no Brasil. Produzida no próprio INCIFORM, conforme aponta Nava (2007, p. 38), essa revista trouxe grande impacto ao meio profissional e acadêmico no país. “Além dos elogios anotados nas correspondências, o sucesso de C&P impulsionou diversas instituições e empresas de comunicação a lançarem publicações similares”.

Por fim, como afirma Marques de Melo (2008), o trabalho de Luiz Beltrão, no nordeste brasileiro se destacou, nacional e internacionalmente, impulsionando o Governo Castelo Branco a convidá-lo a assumir a direção da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília em 1965. Se tornou então o primeiro Doutor em Comunicação do Brasil pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília quando apresentou sua tese Folkcomunicação: um estudo dos agentes e meios populares de informação de fatos e expressões de ideias, que “repercutiu intensamente na comunidade acadêmica nacional e internacional sendo considerada a mais original das contribuições brasileiras à teoria da comunicação” (MARQUES DE MELO, 2003, p. 339-340).

No confronto dos ganhos do campo da comunicação a partir das contribuições de Luiz Beltrão, erguem-se diferentes facetas que, certamente, geram reflexões aos leitores que apreciam este ensaio. Portanto, todos os apontamentos e questionamentos lançados aqui, serão melhores abordados nas páginas seguintes.

FORMULAÇÃO DE UMA NOVA DISCIPLINA

Se consultarmos duas obras de referência da literatura comunicacional brasileira veremos que Luiz Beltrão é sinônimo de Folkcomunicação (MARQUES DE MELO, 2003, p. 329).

Discutir o legado de Beltrão não se resume apenas a um único momento ou, ainda, a um ponto específico. Seus ensinamentos e sua herança, enquanto pesquisador, sobreviveram por décadas e nos inquietam até hoje. A partir de todos os pontos destacados em sua trajetória que, sem dúvidas nenhuma, contribuíram para a construção e efetivação do campo das ciências da comunicação, é importante frisar os entraves da Folkcomunicação nas universidades brasileiras. Talvez essas críticas acabem intensificando as dificuldades de entendimento ao estudante de comunicação. Contudo, seria interessante pensar que esse momento difícil nos traz, também, aspectos positivos.

Diante de tal desmerecimento, alas abrem-se para pensar e repensar em estratégias que estabeleçam métodos que possam esclarecer o novo leitor ao pensamento beltraniano. No entanto, algumas dessas críticas serviram de base para pontuar a necessidade de destrinchar alguns entendimentos da teoria, para que esse leitor não acabe dentro de um caminho confuso e/ou deturpado.

O processo de identificação e construção dessa disciplina adveio de alguns fatores cruciais que surgem a partir da preocupação de Beltrão em evidenciar a importância do jornalismo diante da sociedade. Primeiro ponto preciso, a Folkcomunicação foi abordada pela primeira vez na inauguração da C&P, quando iniciava suas pesquisas a respeito do ex-voto sobre um olhar comunicacional. Nela, conforme Marques de Melo (2003, 2007), Beltrão retratou o estudo dos processos comunicacionais em um objeto já estudado por antropólogos, sociólogos e folcloristas, mas descuidado pelos comunicólogos.

É necessário entender que estamos nos referindo às décadas de 50 e 60. De um lado, iniciavam as pesquisas latino-Americanas da comunicação. Como Gurgel (2014, p. 138), nos esclarece "os pesquisadores do campo científico da comunicação foram instigados a investigar, compreender e formular teorias da comunicação para suprir os interesses da sociedade em constante mutação". Mesmo que a subcontinente latino-americano tenha trazido uma visão contra-hegemônica no campo comunicacional, perante a produção nos Estados Unidos e a Europa, sociedades ditas como "primeiro mundo", esse cenário já construído por elas foi fator de fundamental importância no desenvolvimento de pesquisas na América Latina (GURGEL, 2014). Por outro lado, o Brasil vivia por um momento difícil, dividindo a população, em grupos e, majoritariamente, beneficiando apenas alguns deles. Contudo, ainda assim, esses aspectos não serão suficientes para entender tal teoria. É imprescindível, antes de tudo, explanar que a carreira jornalística de Beltrão o fez perceber e compreender quais os principais problemas enfrentados pela sociedade no tocante a comunicação. Como esse público (receptor) recebia e reagia às informações que lhes eram passadas e qual o retorno que eles davam ao comunicador (emissor).

Outro ponto interessante é que as suas pesquisas foram propícias à sua época. As escolas de comunicação norte-americanas e europeias apontavam teorias que serviriam de base para justificar a reação dos receptores no processo comunicacional. Diversos autores que eram influenciados pelo positivismo e pela psicologia behaviorista,

acreditavam que os meios de comunicação (o jornal, a revista, o rádio e a televisão) exerciam poder definitivo na sociedade, desempenhando seu papel na emissão da mensagem e formando um público simplesmente passivo. Um dos primeiros questionamentos do pesquisador foi perceber e entender que alguns dos grupos da sociedade não vivenciavam de maneira direta às informações dos meios de comunicação.

Segundo as pesquisas de Aragão (2017), na década de 60 apenas 35,18% da população brasileira tinha acesso ao rádio e 4,30% à televisão. Foi a partir daí que a pesquisa empírica de Beltrão ganhou destaque no meio acadêmico. Essas observações denotam um outro caminho possível para o caso brasileiro. A população, na qual o próprio julgou estar inserido, não recebia informações diretamente dos meios de comunicação. Gurgel (2014, p. 148) acrescenta ainda que Beltrão viveu durante um “difusionismo hegemônico norte-americano e junto com ele, uma metodologia da corrente teórica funcionalista. Soube tirar proveito da teoria e, indo mais além, lançou novos conceitos sobre o modelo que foi adequado à folkcomunicação”.

O segundo caminho possível para entender a obra, seria sua relação com o que já se havia produzido. Beltrão insere em seu trabalho um conjunto de diferentes abordagens e teorias, principalmente as norte-americanas. A partir da hipótese construída por Lazarsfeld e Katz, na teoria hipodérmica, ou da bala mágica – *two-step-flow of communication* – o pesquisador trouxe em suas pesquisas evidências para se refutar ideias dominantes da onipotência midiática. Trazendo tais estudos para o caso brasileiro, percebeu-se o processo comunicacional que se realizava a partir do comunicador ao líder de opinião e deste ao receptor. Ou seja, em comunidades marginalizadas, o processo continuava em cadeias, mediadas por uma série de outros agentes, e não de maneira isolada apenas entre emissor e receptor (MARQUES DE MELO, 2003).

Por último, entender que todo esse processo se caracteriza a partir do folclore, considerado no Brasil como uma construção de grupos pertencentes a classes baixas, devido ao contexto histórico e cultural do país, conforme destacou em suas pesquisas. Para tanto, Beltrão (2001) precisou focar seus estudos na história para entender as formas de comunicação antes e durante a colonização, acompanhar o povoamento e a evolução da sociedade. Dessa maneira, foi a partir de Edson Carneiro (1965) que o pesquisador constatou que, diante da pressão social, o povo acaba atualizando, reinterpretando e readaptando seus modos de sentir, pensar e agir através das práticas folclóricas. A partir

desta perspectiva, compreende-se que o folclore se tornou um meio de expressão de disseminação de informações de um povo, possibilitando, a este, um modo de comunicar direcionado à sua realidade. Marques de Melo (2007, p. 22) acrescenta que,

Tais veículos de comunicação popular ou de folkcomunicação, como ele preferiu denominar, mesmo primitivos ou artesanais, atuavam como meros retransmissores ou decodificadores de mensagens desencadeadas pela indústria da comunicação de massa (jornais, revistas, rádio, televisão).

Assim, Folkcomunicação se define como o processo comunicativo intrínseco nas práticas de expressões populares (sejam elas música popular, danças, artesanato, cordel, símbolos, etc.) sejam elas ligadas diretas ou indiretamente ligadas ao folclore (BELTRÃO, 2001). Conforme destaca Marques de Melo (2007), o livro "Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados", publicado em 1980, trouxe uma pesquisa mais rica e estruturada, construída através de pesquisas empíricas que Beltrão realizou em outras regiões brasileiras, principalmente em Brasília e com confrontos a partir de pesquisas desenvolvidas em outros países. Nesta obra, Beltrão (1980, p. 39) percebe que o usuário do sistema da folkcomunicação é um indivíduo frequentemente marginalizado, ou seja, vive à margem tanto do sistema político, econômico e dos meios de comunicação, quanto do restante da sociedade, e acaba sofrendo influência desta, entrando em conflitivo com àquela específica de seu grupo.

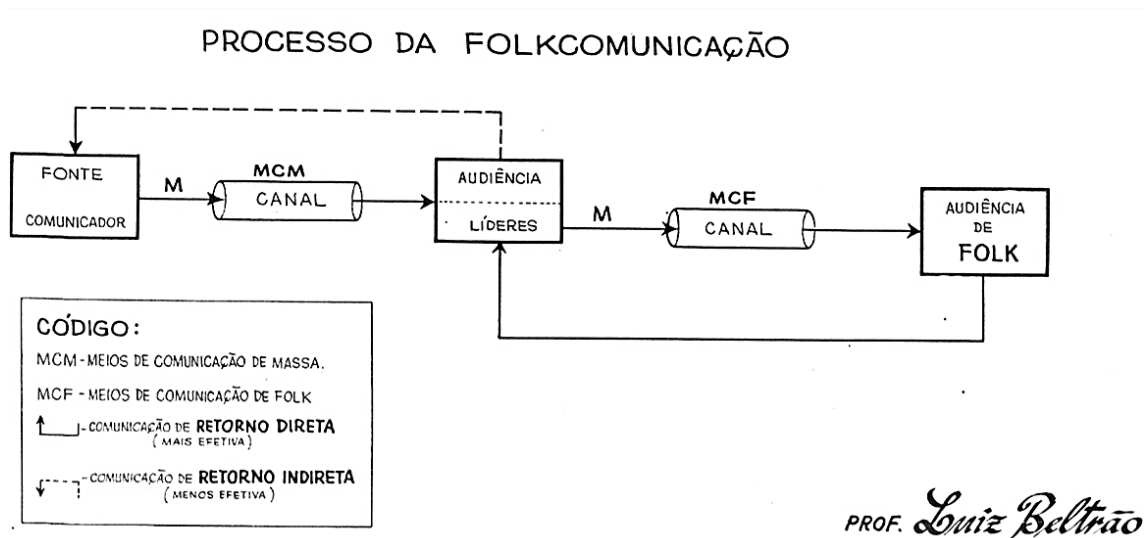


Ilustração 1 - O processo da folkcomunicação
Fonte: BELTRÃO, 1980, p. 34

De acordo com Hohlfeldt (2014) o termo marginalizado é um vocábulo ao mesmo tempo adjetivo e substantivo, afinal "implica reconhecer que tal condição não foi escolhida por quem carrega, mas, sim, foi-lhe imputada por alguém. Tanto em sua tese, quanto no livro posterior, publicado em 1980, o pesquisador esclarece a ruptura entre os diferentes seguimentos da população brasileira. "Essa ruptura se dá já a partir da nascente colonização, com a introdução da escravidão" (HOHLFELDT, 2014, p. 114).

O LEGADO PÓS LUIZ BELTRÃO

Eu costumo dizer sempre que o meu trabalho tem sido todo abrindo picadas para que outros aqueçam o caminho (BELTRÃO, 1987, p. 14).

Poderíamos evidenciar que o legado beltraniano conseguiu alcançar espaço em congressos e universidades brasileiras, aderindo espaço para novos frutos no campo da pesquisa folkcomunicacional. Contudo, como discutido anteriormente, toda essa trajetória de crescimento esteve ligada direta e indiretamente a dois grandes motivos, resultados de um difícil contexto histórico na formação da teoria enquanto disciplina acadêmica. Primeiramente, sua defesa de doutorado passou por processos que significaram sérios danos à disseminação da sua obra e, sobretudo, ao seu título de primeiro doutor em comunicação do Brasil. Segundo apontamentos de Marques de Melo (2003), a convivência do pesquisador na UnB em pleno golpe militar, lhe causou problemas causando-lhe desemprego na mesma universidade. Além disso, devido às circunstâncias políticas, naquele momento, houveram dificuldades no processo de autora do título de doutor¹⁰. Nessas circunstâncias, Beltrão só recebeu o título merecido quatorze anos mais tarde e esse processo, conseqüentemente, dificultou na difusão dos estudos da Folkcomunicação. Sua tese não conseguiu ser publicada por completo devido aos efeitos do momento político que se instaurava no Brasil naquela época.

Ademais, Marques de Melo (2008) aponta que os estudos da teoria seguiram dupla resistência. De um lado, folcloristas conservadores em defender a cultura popular das mudanças causadas pela globalização e, do outro, comunicólogos em usar a cultura

¹⁰ "Aprovado pela banca examinadora, o candidato fazia jus ao grau correspondente. Mas o então reitor Laerte Ramos de Carvalho, que demitira Luiz Beltrão do cargo executivo, quis prejudicar o novo doutor, dificultando a outorga do título conquistado com brilhantismo" (MARQUES DE MELO, 2003, p. 339).

popular em batalhas políticas. Tais fatores, poderiam, inclusive, ter impulsionado o desconhecimento científico e acadêmico do legado de Luiz Beltrão que, segundo Nava (2007), vem de um contexto de reestruturação do campo da pesquisa acadêmica no Brasil. De acordo com a pesquisadora, existem fatores internos – a estrutura e a dinâmica da formação das faculdades e universidades e dos próprios pesquisadores – e externos – momento político, econômico e sociocultural da sociedade e das instituições – que determinaram o desconhecimento da figura e do trabalho de Beltrão. Nesse sentido, destaca-se a tendência de uma formação quase tecnicista, no ensino do jornalismo, em um momento de ascensão tecnológica.

Atualmente, a teoria vem sofrendo alguns problemas teóricos-metodológicos, que acarretam, constantemente, na falta de aderência nas universidades. Há quem diga que a disciplina deva ser citada nos estudos sobre jornalismo cultural. Outros, insistem em destaca-la em teorias da comunicação. Falta, ainda, à comunidade de pesquisadores da folkcomunicação, um olhar mais crítico e visionário. A pesquisadora Isabel Amphilo (2013), destacou em sua tese de dissertação que há um problema epistemológico na continuação das pesquisas de Beltrão (1980), e na parte empírica da tese, publicada pela primeira vez, em 2001. Segundo Fernandes (2013), esse problema ainda não é uma preocupação das gerações seguintes, porém, outros pesquisadores lançaram caminhos que consolidaram a disciplina e referenciam avanços teóricos importantes. Contudo, embora todo esse contexto histórico da Folkcomunicação denote problemas em suas pesquisas, o legado pós beltraniano foi firmado a partir de quatro figuras importantes que proporcionaram um grande desenvolvimento nas pesquisas, com novas propostas e discussões.

José Marques de Melo se destaca no desenvolvimento dos gêneros e formatos jornalísticos traz uma contribuição dividindo a Folkcomunicação em gêneros e, esses, subdivididos em formatos e tipos; Roberto Benjamin (2000, 2017), por sua vez, formula uma nova abrangência estruturada em seis tópicos. São eles: A comunicação (interpessoal e grupal) ocorrente na cultura folk; A mediação dos canais folk para a recepção da comunicação de massa; A apropriação de tecnologias da comunicação de massa e o uso dos canais massivos por portadores da cultura folk; A presença de traços da cultura de massa absorvidos pela cultura folk; A apropriação de elementos da cultura folk pela

cultura de massa e pela cultura erudita (projeção do folclore); A recepção na cultura folk de elementos de sua própria cultura reprocessados pela cultura de massa;

Já o pesquisador Antonio Hohlfeldt, que Fernandes (2013) aponta ainda estar em débito com a comunidade acadêmica, em relação a construção de uma obra específica em Folkcomunicação, trouxe interferências teóricas¹¹ que, certamente, contribuem para o legado pós-beltraniano. No caso de Joseph Luyten, sua principal contribuição para a Folkcomunicação foi melhor destacada a partir do termo Folkmídia, que é abordado pela primeira vez por Benjamin (2000). Luyten (2000), “preferiu utilizar o termo como sendo as apropriações dos veículos de massa de elementos folkcomunicacionais” (FERNANDES, 2013, p. 911), que nos traz melhores entendimentos da disciplina ao se pensar a cultura popular e o folclore processados pela indústria cultural;

E, por último, Osvaldo Trigueiro, discípulo e companheiro de grandes jornadas ao lado de Luiz Beltrão, nos agraciou com uma observação bastante significativa aos entendimentos do Líder de Opinião. Fernandes (2013) destaca que Trigueiro (2008), seguindo a ótica dos estudos culturais latino-americanos, trabalha com o conceito de ativista midiático¹² como intermediários cognitivos entre os produtores de cultura e os consumidores.

Por fim, é importante lembrar, também de outros pesquisadores mais contemporâneos, se assim podemos dizer, que trouxeram grandes avanços nos estudos da Folkcomunicação, como Cristina Schmidt¹³, Severino Lucena¹⁴ e Sebastião Breguez¹⁵. Todo esse recorte, dos últimos avanços, configura, de certa maneira, a Folkcomunicação na contemporaneidade. Entre os três momentos da carreira de Beltrão, certamente esse terceiro trouxe muito mais argumentos e questionamentos que, de fato, confirmam que a Folkcomunicação é importante e pode trazer, ainda mais, novos questionamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

¹¹ Ler Fernandes (2013).

¹² Ler Trigueiro (2008).

¹³ Primeira presidente da Rede de Estudos em Folkcomunicação (Rede Folkcom) e organizadora da obra Folkcomunicação na arena Global: avanços teóricos e metodológicos, São Paulo: Ductor, 2006.

¹⁴ Principal contribuinte dos avanços teóricos para os entendimentos da Folkcomunicação a partir do Marketing e do Turismo, expandindo o olhar da teoria à outras áreas da comunicação.

¹⁵ Foi membro da Comissão Mineira de Folclore e um dos membros que ajudaram a fundar a Intercom e a Rede Folkcom; Primeiro coordenador do GP de Folkcomunicação da Intercom.

Como explanado na introdução deste ensaio, essa discussão serviu de base para destacar a figura de Beltrão frente às ciências da comunicação e apontar, em uma linguagem mais clara e concisa, métodos de entender o jornalista pesquisador e traçar um caminho que melhor esclarecesse sua principal obra, a folkcomunicação. Portanto, é importante destacar que aqui não há soluções, mas sim, questões com o intuito de levar maiores entendimentos e reflexões ao leitor.

Retomar o legado de Luiz Beltrão 32 anos após a sua morte é, para este trabalho, importante, já que 2018 celebra seu centenário de nascimento. Contudo, ao mesmo tempo, seria fato de descontentamento, já que se evidencia a necessidade de destrinchar sua trajetória acadêmica e profissional, considerando o desconhecimento do seu legado em grande parte da comunidade acadêmica. Portanto, diante disso, esse debate, até aqui sustentado e fundamentado, serve de base, principalmente, para resgatar a necessidade de continuar discutindo sobre a produção brasileira em comunicação no Brasil, afim de abrir novos caminhos para se evidenciar a importante tarefa da academia em difundi-las.

Ademias, pensar o homem e a obra, fez-se necessário, também, insistir em reinterpretar esse conjunto para que seu legado acompanhe o decorrer das pesquisas da área de comunicação. Como pontuado aqui, a folkcomunicação possibilita que os diálogos com uma sociedade contemporânea, que vivencia o digital e o tecnológico, sejam efetivados, assim como os discípulos de Beltrão o fizeram muito bem, nas últimas décadas, e como espera-se se feito, de agora em diante, com a nova geração de pesquisadores. Mesmo depois dos últimos avanços tecnológicos, a marginalidade continua escancarada e as mídias sociais conseguem, ao menos, alavancar a voz, mas, infelizmente, ainda não permite que esses contrastes sejam menos claros e concisos. As mídias hegemônicas continuam destacando a discrepância no que tange à possibilidade de visibilidade e melhor argumentação de um país menos dividido e igualitário, afirmando, ainda mais, a necessidade dos estudos folkcomunicacionais e das observações de Beltrão.

REFERÊNCIAS

AMPHILO, Maria Isabel. **A gênese, o desenvolvimento e a difusão da folkcomunicação**. 2010. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

AMPHILO, Maria Isabel. Fundamentos epistemológicos da folkcomunicação. In: MARQUES DE MELO, José; FERNANDES, Guilherme Moreira (Org.). **Metamorfose da Folkcomunicação**. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

ARAGÃO, Iury Parente. **Elos teórico-metodológicos da folkcomunicação: retorno às origens (1959-1967)**. 2017. 251f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

BRAGA, José Luiz. Disciplina ou campo? – O desafio da consolidação dos estudos em comunicação. In: FERREIRA, Jairo; PAOLIELLO, Francisco J.; SIGNATES, Luiz (Org.). **Estudos de comunicação: transversalidades epistemológicas**. São Leopoldo: Unisinos, 2010, p. 19-37.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias**. Porto Alegre, EDIPUCRS & FAMECOS, 2001.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

BELTRÃO, Luiz. A folkcomunicação não é uma comunicação classista (entrevista). São Paulo: **INTERCOM**, Ano X, n. 57, 1987.

CARNEIRO, Edson. **Dinâmica do folclore**. Editôra Civilização Brasileira, 1965.

FERNANDES, Florestan. Sobre o folclore. In: MARQUES DE MELO, José; FERNANDES, Guilherme Moreira (Org.). **Metamorfose da Folkcomunicação**. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

FERNANDES, Guilherme Moreira. Legado pós-beltraniano: integrados, apocalípticos ou culturalistas? In: MARQUES DE MELO, José; FERNANDES, Guilherme Moreira (Org.). **Metamorfose da Folkcomunicação**. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

FRANÇA, Vera; SIMÕES, Paula. **Curso básico de teorias da comunicação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

GOBBY, Maria Cristina. Para entender Luiz Beltrão. In: MARQUES DE MELO, José; TRIGUEIRO, Osvaldo Meira; **Luiz Beltrão: Pioneiro das Ciências da Comunicação**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB / INTERCOM, 2007, p. 19-31.

GURGEL, Eduardo Amaral. Paradigma Latino-Americano. In: MARQUES DE MELO, José; GURGEL, Eduardo Amaral. **Luiz Beltrão: Singular e Plural**. São Paulo: INTERCOM, 2014, p. 137-153.

HOHLFELDT, Antonio. Teorias da comunicação: A recepção brasileira das correntes do pensamento hegemônico. In: FERREIRA, Giovandro Marcus; HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; MORAES, Osvaldo J. de (Org.). **Teorias da comunicação: trajetórias investigativas**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010.

HOHLFELDT, Antonio. Caminhos cruzados. In: MARQUES DE MELO, José; GURGEL, Eduardo Amaral. **Luiz Beltrão: Singular e Plural**. São Paulo: INTERCOM, 2014, p. 107-120.

LUYTEN, Joseph M. **O que é literatura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MARANINI, Nicolau José Carvalho. Perfis - Trajetória de um pioneiro. In: **Luiz Beltrão: Pioneiro das Ciências da Comunicação**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB / INTERCOM, 2007, p. 33-47.

MARQUES DE MELO, José. **Comunicação social: teoria e pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

MARQUES DE MELO, José. **História do pensamento comunicacional: cenários e personagens**. São Paulo: Paulus, 2003.

MARQUES DE MELO, José. Folkcomunicação. In: GADINI, Sérgio Luiz; WOITOWICZ, Karina Janz (Org.). **Noções básicas de folkcomunicação: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.

MARQUES DE MELO, José. **Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008a.

MARQUES DE MELO, José. **O campo da comunicação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008b.

MARQUES DE MELO, José. A prima pobre das ciências sociais. São Paulo: **Revista Pesquisa Fapesp**, n.201, novembro de 2012.

MARQUES DE MELO, José. **Teoria e metodologia da comunicação: tendências do Século XXI**. São Paulo: Paulus, 2014.

NAVA, Rosa. Para entender o homem e a obra. In: **Luiz Beltrão: Pioneiro das Ciências da Comunicação**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB / INTERCOM, 2007, p. 33-47.

SALLES, Vicente. Questionamento teórico do folclore. In: MARQUES DE MELO, José; FERNANDES, Guilherme Moreira (org). **Metamorfose da Folkcomunicação**. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

SCHMIDT, Cristina. Teoria da Folkcomunicação. In: GADINI, Luiz Sérgio; WOITOWICZ, Karina Janz (org). **Noções básicas de Folkcomunicação: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional**. Petrópolis: Vozes, 2014.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Folkcomunicação e Ativismo Midiático**. João Pessoa: UFPB, 2008